

A dimensão narcísica no T. A. T.

Notas sobre as relações entre a organização do mundo fantasmático sob o modo narcísico e a elaboração da história no T. A. T.

F. BRELET (*)

Diante destas imagens de conteúdo manifesto muito estruturado e que reenviam, ao nível do conteúdo latente, para as posições-chave do conflito psíquico (das mais arcaicas às mais evoluídas), o sujeito que vive um T. A. T. vê-se imediatamente chamado a fazer face a uma sobrecarga de excitação psíquica.

A *consigne*, enunciada pelo psicólogo, «conte a história...», propõe e impõe — uma saída para esta sobrecarga: elaborar a excitação, tolerar a actividade fantasmática que lhe responde (e as angústias que a acompanham) servir-se dela para contar uma história que obedeça às leis da comunicação, segundo as regras do processo secundário.

Acrescenta-se-lhe, como primordial, o papel vicariante da revivescência de uma ou várias das relações privilegiadas do sujeito na relação de teste.

I — O REFLEXO DA POLARIDADE NARCÍSICA NA HISTÓRIA TAT

Assim balizada a situação T. A. T., o nosso esforço de compreensão devia con-

centrar-se no arranjo que o sujeito propõe, quanto à posição conflitual evocada, na construção da sua história (cf. o trabalho de V. Shentoub e R. Debray), *Bulletin de Psychologie* — 1970-1971, XXIV, 292, 12-15, pp. 897-903).

Os modos de defesa do funcionamento neurótico (de tipo histérico ou obsessivo) encontram o seu *analogon* na própria construção da frase, impondo o seu «estilo» ao discurso.

Tornava-se possível assinalar, no mesmo movimento, os insucessos da secundarização, o peso da emergência dos processos primários na desorganização da história, a possibilidade de o sujeito se servir deste momento regressivo no esforço de criação ou a sua incapacidade de evitar ser submergido e os esforços, eles próprios mais ou menos desorganizantes, que ele faz para escapar à irrupção fantasmática crua e às angústias que esta suscita.

a) *As duas polaridades: tentativa de assinalar o fantasma*

Todavia, um grande número de T. A. Ts. propunham-nos histórias organizadas de um modo que não decorria nitidamente destes modos de elaboração.

(*) Grupo de Investigação em Psicologia Projectiva. Universidade René Descartes (Paris V).

Entre outros índices, a ausência de conflitualização, no próprio momento em que o sujeito em teste se tinha abandonado ao nível do conteúdo latente (conteúdo latente cujo eco nitidamente perceptível na história) e um certo número de características de que falaremos mais adiante, levam-nos a ter em conta, nas histórias do T. A. T., o traçado de uma polaridade fantasmática não objectal mas narcísica; modo de resposta (aliás bastante diversificada) à dificuldade de fazer face à sobrecarga de excitação que caracteriza a situação de teste.

Com efeito, podemos considerar que toda a actividade fantasmática apresenta duas polaridades complementares, que não se excluem mas se balanceiam num perpétuo movimento de vai-vem (à maneira dos vasos comunicantes ou da metáfora freudiana da amiba); uma polaridade objectal e uma polaridade narcísica.

Ex.: «Ele ama-me», fantasma de desejo em que eu gozo ao mesmo tempo do que «ele» me dá de complementar, de diferente, do que falta em mim, (é a polaridade objectal) e de me olhar, «me», a mim, neste lugar único e identificante que me atribui o seu «ele ama-me». Polaridade narcísica esta, da qual nós sentimos bem as duas finalidades:

— Finalidade de unicidade, forma primordial de unidade que nos ajuda a estruturar-nos como diferentes do Outro, «eu sou diferente, único no mundo, e basto-me a mim mesmo, não sendo o outro senão o meu apêndice» (cf. os trabalhos de Kohut e a noção grandiosa de si).

— Finalidade de identidade [eu sou isto (aquilo) que ele (ela) ama] outra forma que nós investimos, agora numa estreita dependência do desejo do outro, mas que nos faz escapar a uma parcialização tenebrosa para toda a actividade psicológica, actividade de ligação (cf. os trabalhos de Lacan).

Sabemos, aliás, a que ponto esta actividade fantasmática narcísica é trófica para o indivíduo e deve ser considerada nos arranjos mais evoluídos, como necessária à regularização de um funcionamento feliz. É tão importante poder apreciar o peso deste arranjo narcísico e a sua eficácia relativamente ao desempenho na história da T. A. T., como o peso e a actividade libertante dos mecanismos de defesa da série nevrotica no funcionamento do indivíduo.

Do mesmo modo, teremos de apreender-lhe os insucessos, mais ou menos compensados, ou a sua rigidificação nos arranjos de carácter, e talvez a partir daí propor algumas hipóteses de compreensão que vão ao encontro de certos trabalhos actuais como os de A. Green, D. Widlocher e D. Anzieu, em França.

b) O seu eco no cenário da história T. A. T.

Foi a aconflitualização como reflexo de um sobre-vestimento da polaridade narcísica do fantasma que nos pareceu, à primeira vista, particularmente característica da organização da história. O Outro está pouco presente, a não ser sob o modo do fazer valer, ou como desmancha-prazeres, intrusão que rapidamente é evitada, num mundo que é construído sem lhe deixar lugar. A conflitualização do vivido humano não se traduz nem numa oposição de movimentos pulsionais inconciliáveis, nem na manipulação de representações de objectos eles próprios conflituais. Num vocabulário psicanalítico clássico, não é possível assinalar o jogo entre as diferentes instâncias Id, Ego, Super-Ego. E contudo, ao contrário das histórias organizadas segundo o modo fóbico, restritivo e banalizante, ou através de um funcionamento operatório, no factual, no quotidiano e segundo normas do Super-Ego externalizadas, o sujeito deixa-se conduzir ao plano do conteúdo latente. Este é nitidamente perceptível, sem muitos des-

locamentos metafóricos em cada uma destas histórias, servindo-lhes mesmo geralmente de ponto de partida.

Concorrendo para a elaboração da história fora de qualquer conflito, teremos de assinalar a encenação que o sujeito faz da vivência subjectiva que, nas suas *nuances* subtis e irisadas, lhe serve de material. Os afectos estão muito presentes, mesmo quando são tratados de modo descritivo, como costumamos encontrar na problemática obsessiva, confundindo, assim, o clínico.

Os traços de carácter, as atitudes corporais, são finamente descritos; a existência do herói constitui o tema do discurso. Mas nenhuma referência é feita ao relacional, nenhuma dramatização vem inseri-los num cenário representativo que eles alimentem. É o *enquadramento* — e não a encenação — de um herói mostrado ao psicólogo e mais ainda, indubitavelmente, a si mesmo, num movimento de desdobramento por vezes desordenado.

No mesmo sentido e, sem dúvida, muito mais pesados de consequências para a legibilidade da história, temos de notar os movimentos «de idealização». Os trabalhos de Kohut, de novo, e os conceitos que ele utiliza parecem-nos aqui muito esclarecedores, mesmo se a sua extrapolação do campo da prática da cura psicanalítica para o campo projectivo não pode ser mantida sem prudência. Idealização de tipo arcaico, descrição de personagens cujo carácter de onipotência, de toda a potência mágica, as exigências de perfeição surgem sem *nuances*. Idealização de um mundo em que «tudo é belo», em que não há nem medo, nem ódio, e em que o sujeito ilude ou recusa a falta como a dimensão conflitual do vivido humano. E, bem entendido, massividade das representações de si propostas a si próprio e ao outro, completamente boas ou completamente más: «Eu sou o homem mais detestável do mundo.»

Isto remete-nos para a quarta característica das histórias de totalidade narcísica; a fragilidade das posições identificatórias. As identificações secundárias não são fortemente marcadas mas muito facilmente apagadas ou intercambiáveis. As idealizações de que falávamos atrás têm o carácter de massividade do Ego Ideal. O Ideal do Ego é pouco perceptível; os heróis são situados pela sua existência «actual», subtilmente descrita mas pouco modulada, e o seu projecto de vida é sempre de tipo megalómano, ou imediatamente anulado pelas vivências de total impotência ou de vazio (pl. 1, pl. 16).

c) *O prazer em criar a história*

Mas o que toca ao mesmo tempo o psicólogo, nestes protocolos em que dominam as histórias elaboradas segundo esta polaridade fantasmática, é o enorme à-vontade que demonstra então o sujeito em situação T. A. T. A história é «fácil», duma «legibilidade» muito grande e portadora de um poder de comunicação impressionante.

De uma grande legibilidade, constituindo um arranjo positivo para o sujeito, «desembaraço» na mini-crise que o agita, as histórias constituídas no T. A. T. segundo este modo surpreendem-nos pela sua coerência e frequentemente pelo seu estilo, rico e vivo. O esforço de criação parece ser completamente bem sucedido, evitando o impasse das hesitações obsessivas ou as facilidades de escrita históricas. Há prazer e prazer narcísico a ultrapassar, na obra de criação, a situação paradoxal do T. A. T. (abandono-se à regressão fantasmática e mantenha o controlo necessário à comunicação de uma história estruturada, desenrolando-se segundo a lógica do discurso), e a situar-se na autarquia do criador de um mundo novo, mesmo se apenas se trata de uma ficção.

Ficção-armadilha, mas armadilha cuja fronteira com a percepção de si, mostrada ao outro parece mal desenhada.

E a esta imagem do sujeito em teste sentimos frequentemente muito empáticos. Sensíveis ao sofrimento que transparece nestes protocolos, somos, por vezes, surpreendidos pela lucidez daquele que se exprime. Ele vai ao fundo da sua problemática, mostramo-la numa autenticidade marcante que nos faz acreditar em capacidades de *insight* elevadas. Contudo, parece que este «mostrar» não é para que o psicólogo dele disfrute, nem ligado a uma tentativa de sedução, mas antes ao serviço de um pedido de reconhecimento sempre desapontado e que faz da situação de teste uma experiência, uma vez mais frustrante. Frustração que se exprime muito frequentemente na história do cartão 16, em que o sujeito evoca de novo o vazio profundo que o habita, e a sua impossibilidade de criar uma relação verdadeira, eco, sem dúvida, do que acaba de se viver na relação de teste.

II — OS MECANISMOS QUE CONCORREM PARA A ELABORAÇÃO DA HISTÓRIA

Se a temática geral da história elaborada sob o modo narcísico parece, com efeito, característica, os procedimentos da escrita, o «estilo» que os anima é igualmente específico. Assinalámos aqui alguns, sem pretendemos ser exaustivos, e gostaríamos de propor um primeiro catálogo.

— *O sublinhar da vivência subjectiva*, caricaturando-se por vezes na *referência pessoal*, quer pontual, embelezando a história com comentários, quer massiva, numa espécie de dependência imediata que sabota qualquer elaboração de uma ficção (ex.: «eu que vejo, quem gostaria de vir a ser...»), permite a apresentação de uma representação de si.

— É, sem dúvida, a este mesmo objectivo que responde o segundo procedimento próprio deste estilo, a *importância dada ao*

olhado, ao tocado; os traços, o desenhado, o aclarado são apresentados com um investimento quase sensual.

— O cartão 10, os cartões 6 e 7, os cartões arcaicos dão frequentemente ocasião ao sujeito para organizar quase directamente a situação segundo um *tema especular* (em espelho); ex.: «uma certa semelhança entre os dois rostos, como se um estivesse apoiado contra um vidro».

— Enfim, sempre neste mesmo registo, o facto de tratar o corpo não como «máquina de sedução», mas como «máquina de comunicação», produtora de sentido. É a *postura significativa de afectos*, a atitude corporal posta no mesmo plano que o detalhe de carácter.

— Bem entendido, o detalhe dito narcísico («Ele é muito belo»).

— Mas, talvez mais ainda, uma maneira característica de tratar o afecto: o desenrolar da história fixa-se num quadro, *cliché* do instante existencial, que nós chamámos «afecto título». Longe de repudiar o afecto e de o gastar numa intelectualização, numa distanciação, ou de o exagerar, dramatizando-o de modo histérico, o sujeito aqui põe-no em evidência, exige-o como monumento. «Desespero», cartão 13. «Enfim, é a tristeza» (cartão 3).

— Finalmente uma preocupação constante de precisar os contornos, o limite, o invólucro (roupas ou véus), a muito frequente sideração perante o cartão 16, em que, de repente, falta aos nossos sujeitos a forma prótese a que se agarrar, far-nos-iam facilmente interpretar este movimento como a afirmação laboriosa de uma outra pele, ligadura, roupagem, couraça, a tentar obstar à hemorrágica ferida narcísica (cf. os trabalhos de Anzieu sobre o eu-pele).

III

Ferida narcísica... tal não é o caso em todos os protocolos. Com efeito, parece-nos

útil terminar este trabalho apreciando o peso deste movimento de «recuo libidinal» trófico, na economia geral dos pacientes cujos protocolos de T. A. T. nós trabalhámos.

a) Para alguns, efectivamente, este movimento de investimento do pólo narcísico do fantasma surge pontualmente no protocolo. Ele segue-se a uma problemática «quente» de tipo edipiano, em que o movimento defensivo de tipo neurótico é absolutamente aparente. O seu objectivo é, então, o de tornar possível e menos ansiógena a descarga pulsional ao afirmar a independência relativamente ao objecto. A história aparece, então, ao serviço da «desopressão» (Lagache) e este movimento narcísico deixa lugar, de novo, ao acaso dos cartões seguintes, ao jogo pulsional nos seus investimentos objectais.

b) É preciso notar, entretanto, que um certo número de protocolos nos propõe este tipo de elaboração da história de maneira quase estereotipada. Histórias bem construídas, frequentemente muito sugestivas, mas todas ou a maioria no campo narcísico, e aconflituais. As temáticas marcadas pelo Édipo são pontuais, fugazes, não aparentes até. Parece-nos que este tipo de resposta testemunha um arranjo eficaz para o sujeito mas isto a preço de uma pobreza relacional extremamente desequilibrante. Estes protocolos, no estado actual da investigação, são os de consultantes que confessam uma dificuldade pontual de viver (frequentemente familiar, por vezes conjugal) e em que o arranjo narcísico parece dominar o funcio-

namento mental e permitir uma via aparentemente normativa.

c) O terceiro tipo de sujeitos que encontramos parece-nos muito mais frágil: é a propósito destes que nos surge a expressão de ferida narcísica hemorrágica. A recusa idealizante é então massiva (frequentemente acompanhada de mecanismos maníacos (M. Klein) com finalidade antidepressiva). Os temas crus, os afectos pouco manipuláveis, as representações de morte, de desenlace, de impotência ameaçam ao longo do protocolo a eficácia da secundarização. A irupção desorganizante dos processos primários, sinalizando a falha da adequação à *consigne*, ainda não é impedida senão pela inibição massiva e a extensão cada vez mais caricaturada deste modo narcísico. As temáticas de vazio, de contra-senso existencial, a artificialidade, aparecem então predominantes nos conteúdos dos cenários de tipo narcísico.

Parece-nos que é sobretudo nestes últimos casos que a «falha narcísica» nos surge perceptível, muito mal colmatada pela hipertrofia do Ego ou do objecto anaclítico. O estatuto deste objecto aparece-nos mal internalizado, reenviando-nos, para a compreensão destes casos, para a metapsicologia da identificação e da introjecção. É nesta importância de uma «patologia» da «internalização» do objecto que encontraremos, talvez, uma proximidade entre estas personalidades que apresentam dificuldades narcísicas graves e os *border-line* (Kernberg); o prosseguimento do nosso trabalho deverá permitir-nos precisar a reflexão neste ponto.

EUROPEAN ASSOCIATION FOR RESEARCH ON LEARNING AND INSTRUCTION

Na I Conferência Europeia para a Investigação sobre Aprendizagem e Ensino, o comité organizador apresentou a todos os participantes o programa da *European Association for Research on Learning and Instruction*.

A fundação de tal Associação é necessária por diversas razões. Uma delas é que a troca de ideias e de resultados de pesquisa na matéria tem sido, até hoje, fragmentária, acidental e muitas vezes baseada em relações pessoais. Nota-se, portanto, a falta de um *forum* europeu cobrindo diversos países, e orientado para problemáticas relativas a processos de aprendizagem, de desenvolvimento e de instrução, nos quais a conexão entre ensino e aprendizagem seja visível, e entendidos a partir de uma *micro-perspectiva*. Isto significa que o centro de interesses da *European Association for Research on Learning and Instruction* incidirá nos fenómenos do desenvolvimento e de aprendizagem na medida em que estes ocorrem, são influenciados ou modelados por factores materiais ou pessoais que se manifestam em situações reais de ensino.

Actividades possíveis da E. A. R. L. I.

— Publicação de uma «newsletter» regular para os membros da Associação

— Facilidades de tradução de manuscritos para Inglês

— Apoio aos membros europeus, ajudando-os a publicar os seus trabalhos em revistas internacionais (americanas, entre outras).

— Organização regular (bienal) de uma Conferência Europeia

— Publicação de um *Bienal Book on European Research on Learning and Instruction*

— Formação de Secções e organização de *Symposia* sobre assuntos específicos

A I Conferência Europeia para a Investigação sobre Ensino e Aprendizagem decorreu em Groot Begijnhof da Universidade de Lovaina (Bélgica) de 10 a 13 de Junho.

Para mais informações, contactar:

Dr. Hans G. L. C. Lodewijks / Prof.
Dr. Pieter Span

Secretary of the European Association
for Research on Learning and Instruction

Tilburg University, Department of Instructional Psychology

P. O. Box 90153, Building 5, Room 121
5000 LE TIBURG HOLLAND
Telef.: 13/662270 ou 13/662526